

Entrevista

Aya Ono

ono_bun@hc.st.keio.ac.jp

Carmem Luci da Costa Silva

carmem.luci@ufrgs.br

Luiza Milano

luizamilanos@gmail.com

Sobre as relações entre a linguagem e o homem: caminhos de leitura em Émile Benveniste¹

On the relationship between language and man: Reading paths in Émile Benveniste

Entrevistada

Aya Ono é professora associada na Universidade de Keio (Japão), onde ensina língua francesa e linguística francesa. Trabalha no campo da história das ideias linguísticas e sua pesquisa é dedicada, sobretudo, à obra de Émile Benveniste e de Ferdinand de Saussure. Ela é a autora de *La Notion d'énonciation chez Émile Benveniste* [*A Noção de enunciação em Émile Benveniste*] (Lambert-Lucas, 2007) e atualmente prepara outro livro sobre Benveniste em japonês e uma tradução de Théodore Flournoy, *Des Indes à la Planète Mars* [*Das Índias ao Planeta Marte*] (1900).

Entrevistadoras

Carmem Luci da Costa Silva é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora e orientadora em Estudos de Texto e em Aquisição de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma Universidade.

Luiza Milano é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora

dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma Universidade.

A entrevista, cujas perguntas foram formuladas em conjunto pelas entrevistadoras, foi realizada por escrito, via e-mail; as respostas foram recebidas no dia 12 de junho de 2014 e, logo a seguir, a entrevista foi traduzida.

Carmem Luci Silva (CL) e Luiza Milano (LM):

No livro *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* [*A Noção de enunciação em Émile Benveniste*], você destaca que a leitura das obras de cada linguista coloca, de maneira diferente, o problema do *corpus*². Sabemos que Saussure deixou sua reflexão em aulas (anotações de alunos) e manuscritos, que passaram a obra publicada após sua morte, além de manuscritos, que estão em constante estudo. Já Benveniste pôde organizar a maior parte de sua reflexão em vida, por meio da composição do primeiro volume da obra *Problemas de Linguística Geral I*, em que, inclusive, propôs as partes do livro em que desejava que ficasse cada capítulo, além de deixar, conforme lista bibliográfica de Djafar Moïnfar, 18 obras completas, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na *Société Linguistique de Paris*. Considerando o “problema do *corpus*” desses dois

¹ Tradução de Daniel Costa da Silva. Graduado em Letras/Tradução pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é graduando em História e Mestrando em Letras pela UFRGS. E-mail: utopiste@bol.com.br.

² Cf. “Il nous semble que la lecture des œuvres de chaque linguiste pose différemment le problème du corpus” (Ono, 2007, p. 19).

linguistas, como você concebe os efeitos da recepção do pensamento de cada um nas pesquisas linguísticas atuais?

Aya Ono (AO): Esta é uma questão complexa, e para respondê-la, seria necessário escrever um longo artigo para cada linguista. A questão da recepção varia também de acordo com os países e com os períodos. Na verdade, começo atualmente uma pesquisa sobre a recepção de Saussure no Japão, desde a primeira tradução do *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*), em 1928, até os dias atuais: percebo que o problema da recepção e do impacto de Saussure está nitidamente relacionado com a questão do *corpus* saussuriano, apresentado e traduzido pouco a pouco no Japão. Aqui, eu me limito a indicar livremente alguns problemas ligados a essa relação “*corpus* do linguista – sua recepção”.

Primeiramente, vejamos o caso da recepção de Saussure, que apresenta dois aspectos paradoxais. Por um lado, o *Curso de Linguística Geral* e suas traduções em várias línguas estrangeiras criaram impactos nas ciências humanas, com a ascensão do estruturalismo. Foi através da leitura do *Curso* que se reconheceu Saussure como sendo o pai da linguística moderna, fundador da semiologia. Evidentemente, esta é uma obra elaborada pelos editores, uma vez que o livro é resultado de uma espécie de remendo das notas dos ouvintes do curso de Saussure na Universidade de Genebra, mas é preciso reconhecer seu valor; é um livro de iniciação a uma nova ciência, a linguística, que tem seu próprio objeto, seus métodos e sua terminologia; e foi através desta escrita ordenada e pedagógica que muitas pessoas compreenderam os princípios linguísticos que Saussure queria estabelecer nas análises das línguas.

Por outro lado, desde sua publicação em 1916, esta “edição *standard*” era um objeto de crítica e de desconfiança. Os alunos ou os discípulos de Saussure, como Antoine Meillet ou Paul Regard, diziam que o ensino de seu mestre tinha ficado longe do *Curso* publicado pelos dois editores, Charles Bally e Albert Sechehaye. Essa questão da “autenticidade” era acompanhada da questão de procurar “o verdadeiro Saussure”. Desde a descoberta dos manuscritos de Saussure, na década de 1950, vimos surgir várias facetas deste linguista genebrino: “o Saussure dos anagramas”, “o Saussure dos estudos das lendas”, “o Saussure dos estudos da linguagem marciana” etc. Porém, esses manuscritos, ou as cartas, ora interrompidos, ora com algumas páginas ou palavras faltando, incitam uma leitura minuciosa e uma interpretação sutil; às vezes, é difícil acompanhar o pensamento de Saussure nessas anotações. Por isso, em relação ao efeito sobre a recepção, essas pesquisas nos manuscritos contribuíram para produzir uma complexidade ou, até mesmo, uma opacidade dos pensamentos de Saus-

sure. Atualmente, temos uma comunidade de especialistas “saussurianos” que, espalhada pelo mundo, tenta discernir os pensamentos do mestre genebrino em seu conjunto. Mas tenho a impressão de que os leitores comuns oscilam ainda entre o *CLG* e os manuscritos.

O orientador da minha tese, Michel Arrivé, frequentemente compara o *CLG* da edição *standard* com a Vulgata, e os estudos saussurianos com a crítica textual da Bíblia. Ele também insiste que, pelo *CLG*, e até mesmo só por ele, era possível compreender, grosso modo, as linhas de pensamento de Saussure a respeito da linguística geral. Logo, outra questão se coloca: hoje, este livro ainda figura na lista das obras que devem ser lidas pelos estudantes das ciências da linguagem? Os linguistas de hoje, com exceção dos especialistas em Saussure, leem com atenção o *CLG*? Pois se lermos atentamente o *CLG*, podemos notar que há contradições, enigmas e hesitações presentes no texto. Quando se descobre isso, já estamos no início dos estudos saussurianos.

Passamos agora rapidamente para Benveniste. Um dos problemas que o *corpus* benvenistiano apresenta, no que tange à recepção, é que, ao contrário de Saussure e de seu *CLG*, nós não temos um livro de linguística geral sistematicamente apresentado por Benveniste, um livro contendo uma “introdução” e uma “conclusão”. Os dois volumes dos *PLG* são coleções de artigos que Benveniste havia publicado anteriormente em revistas acadêmicas de vários tipos; não formam um livro inédito publicado, escrito em bloco. Esse fato acabou criando um desequilíbrio na leitura dos artigos, até mesmo dentro dos *PLG*. Além disso, os outros textos, que não foram incluídos nos *PLG*, se encontram também dispersos, e muitos caem no esquecimento. Essa impossibilidade de apreender a linguística benvenistiana em seu conjunto torna difícil a recepção de Benveniste não só para o público em geral, mas também para o público intelectualizado.

Além disso, a descoberta de seus manuscritos em 2004 na *Bibliothèque Nationale de France* [Biblioteca Nacional da França] ampliou a área de pesquisa; hoje, é possível fazer estudos genéticos no texto benvenistiano. Na França, uma equipe do ITEM (CNRS-ENS)³ trabalha com os manuscritos de Benveniste: *Dernières leçons* (Benveniste, 2012), as *Últimas aulas no Collège de France* de Benveniste, é um dos frutos mais recentes dessa equipe de pesquisa. Em contraste com Saussure, Benveniste, como se sabe, não tinha relutância em publicar. Porém, quando se examina seus manuscritos, percebe-se rapidamente que seu texto final é resultado de vários filtros. Benveniste preparava inicialmente notas que marcavam suas ideias, notas de leitura, rascunhos, provas, até chegar a um texto perfeitamente claro⁴. Ora, todos esses preparativos tornam

³ Trata-se da equipe “*Génétique du texte et théories linguistiques*” [Genética do texto e teorias linguísticas] (UMR 8132), dirigida pela Professora Irène Fenoglio.

⁴ Eu aprendi muito sobre os hábitos de trabalho de Benveniste através do artigo de Irène Fenoglio (2011), “Déplier l’écriture pensante pour re-lire l’article publié. Les manuscrits de ‘L’appareil formel de l’énonciation’”.

seu texto estratiforme, arquitetural. Isso mostra que, para ler e para entender bem seu texto, é preciso também tentar encontrar os vestígios dessas notas por trás de seu texto final, como se faz em um trabalho de escavação; e isso pode ser feito mesmo na falta dos manuscritos do artigo em questão (eu falo um pouco mais sobre isso mais adiante). Acredito que a descoberta dos manuscritos benvenistianos mudou, assim, fundamentalmente a maneira de ler Benveniste. Neste sentido, a verdadeira recepção está apenas começando.

CL e LM: Em sua tese, publicada no livro *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, para mostrar as distintas noções de enunciação presentes na obra desse linguista, você trabalha, por um lado, com um *corpus* conhecido do autor, textos que constam em *Problemas de Linguística Geral I e II*, e, por outro lado, com um *corpus* não tão conhecido, como os textos *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* [*Nomes de agente e nomes de ação em indo-europeu*] e *O Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*. Que aspectos teórico-metodológicos estão relacionados a sua decisão de usar um *corpus* pouco conhecido da obra do linguista?

AO: No Japão, o *Vocabulário das instituições indo-europeias* (doravante *Vocabulário*) é tão conhecido e, em certo sentido, é até mais conhecido do que os *Problemas de Linguística Geral* (doravante *PLG*), pois o primeiro tem uma tradução integral, publicada em 1986, enquanto o segundo só tinha uma tradução parcial (só recentemente foi publicada a tradução completa do *PLGII*, mas a do *PLGI* ainda está incompleta⁵). Quando comecei a ler Benveniste, na década de 1990, sendo uma estudante iniciante em francês, eu sempre colocava a tradução ao lado do texto original em francês. Eu descobri, então, e me familiarizei com o *Vocabulário* e com os *PLG* quase ao mesmo tempo com a ajuda das traduções. Na verdade, foi através dessa leitura paralela que eu tive uma das primeiras ideias para o trabalho sobre a noção de enunciação. Eu detalho abaixo como fiz meu primeiro exame do *Vocabulário*, e isso vai explicar por que decidi trabalhar com a linguística comparada de Benveniste.

Hoje, no domínio linguístico, a palavra *enunciação* é traduzida para o japonês quase sempre por “Hatsuwa-ko-i”, ou seja, palavra por palavra, o ato de emitir uma fala. No entanto, nos anos 80, sob a pluma dos tradutores do *Vocabulário* e do *PLG*, de sensibilidade linguística ou literária, a mesma palavra *enunciação* de Benveniste se viu traduzida por várias expressões diferentes, tais como “Genpyo-no shikata”, isto é, a maneira de exteriorizar uma fala, ou “Koto-agé”, o ato de proferir solenemente a fala, ou ainda, “Hatsuwa”, o enunciado, simplesmente. Por que a mesma palavra *enunciação* necessitaria de

várias traduções, como se uma expressão japonesa não fosse suficiente para expressar a ideia dessa palavra? Esse primeiro questionamento me forçou a voltar para os próprios textos de Benveniste: a palavra *enunciação* teria sempre a mesma significação nos textos de Benveniste? Assim, foi o problema da tradução, ele próprio secundário na pesquisa linguística atual, que desencadeou o presente trabalho, suscitando meu interesse pela terminologia e pela formação da noção de enunciação em Benveniste. Dirigindo meu olhar para a noção de enunciação, vislumbrei de que maneira a linguística benvenistiana está firmemente baseada na gramática comparada. Comecei a ler, com mais atenção, o *Vocabulário* e outros estudos comparatistas de Benveniste, tais como *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* [*Nomes de agente e nomes de ação em indo-europeu*]. Todas essas leituras me fizeram também descobrir que a noção de enunciação em Benveniste não ocupa um campo semântico fechado, e que ela abre, ainda hoje, caminhos teóricos a serem explorados.

Gostaria, enfim, de destacar que, se existe uma fronteira entre o “*corpus* conhecido” e o “*corpus* desconhecido” na pesquisa benvenistiana, fronteira que se pode substituir pela que há entre a linguística geral e a linguística comparada, é porque nós, os leitores de Benveniste, que impomos esse limite no conjunto de seus textos. Em Benveniste, essas duas linguísticas se articulam uma com a outra, de tal modo que, se uma linguística está ausente, a outra não faz sentido.

CL e LM: Considerando o fato de que muitos apontam o texto “Aparelho formal da enunciação” como um ponto de chegada da reflexão sobre enunciação em Benveniste, você mostra que o termo e a noção de enunciação, na obra do autor, estão associados com outros termos e noções do conjunto da obra do linguista. Por isso, você mostra o quanto é importante considerar noções de enunciação para além das que estão no texto “Aparelho formal da enunciação”. No contexto atual das pesquisas acerca da obra de Émile Benveniste, que caminhos você consideraria importantes o pesquisador interessado em aprofundar a noção de enunciação em Benveniste percorrer?

AO: Deixe-me começar por perguntar-me, antes da questão de “qual caminho percorrer” (“percorrer” em um sentido de “ler rapidamente”), sobre a maneira de ler e de examinar o texto de Benveniste, pois acredito que muitas vezes estamos no caminho certo quando sabemos como ler o mapa e como evitar as armadilhas. Faço aqui duas observações preliminares.

Um dos riscos oferecidos pelo texto de Benveniste está em seu estilo de escrita. É uma escrita clara e sucinta, com quase nenhum uso de neologismos obscuros: “Tudo está claro no livro de Benveniste, tudo nele pode ser

⁵ Em japonês, nós temos, assim, uma tradução parcial dos *PLGI*, publicado em 1983: dos 28 capítulos do texto original, 21 capítulos estão traduzidos. Para os *PLGII*, a tradução completa foi publicada em 2013.

imediatamente reconhecido como verdade”, disse Barthes para qualificar o estilo benvenistiano. No entanto, se essa escrita for lida facilmente, ocorre que os leitores não se prendem em ler as entrelinhas, ou eles não percebem uma extensão semântica que se encontra por trás de uma palavra usada. Portanto, trata-se de uma armadilha a evitar: é preciso, realmente, avançar passo a passo, às vezes até mesmo se deter, a cada passo, na leitura de seu texto. As palavras empregadas pelo linguista são revisadas e selecionadas. Creio que nós, estrangeiros não francófonos, temos uma vantagem nisso. Pois, muitas vezes precisamos parar com a leitura, consultar dicionários, e nos perguntarmos sobre as palavras empregadas. O importante é ler Benveniste lentamente, a passo de tartaruga.

Outro risco encontrado, na leitura de Benveniste, é o de ler seu texto com o intuito de encontrar o que se busca. Claudine Normand mostrou, em seu artigo “Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado” (Normand, 1997), que havia três tipos de leituras na França (leitura comparatista, leitura estruturalista e leitura da teoria da enunciação), cada leitura favorecendo certos textos de Benveniste. Com certeza, hoje é difícil, quase impossível, ler Benveniste imparcialmente: já conhecemos a existência dessas leituras, especialmente a da teoria da enunciação, que ocupa um lugar central na linguística atual. Porém, para retrair os pensamentos de Benveniste, que muitas vezes não são manifestos e falam em voz baixa, seria preciso ler seu texto com o coração aberto, sem levar muito em conta a exigência da linguística atual.

Feitas essas duas observações, eu gostaria de responder esta terceira pergunta de modo a dar sequência na resposta anterior.

As noções propostas por Benveniste, que se tornaram palavras-chave da linguística de hoje – tais como enunciação, instância de discurso, subjetividade da linguagem etc. – são todas oriundas de suas análises sólidas e refinadas da linguística comparada. Os pesquisadores que têm interesse na noção de enunciação de Benveniste e que querem se inspirar nela podem, assim, se voltar para seus estudos sobre os fatos detalhados de línguas. De fato, é quando o linguista examina uma palavra com acuidade que ele lança, quase de surpresa, uma observação de ordem filosófica, ainda que seja de maneira discreta e implícita.

Em outra ocasião, tive a oportunidade de ver os manuscritos das notas preparatórias de Benveniste para seu curso no *Collège de France*, datado de 1945 até 1950, este foi o curso que serviu de base para o *Vocabulário*. O que chamou minha atenção foi o subtítulo dessas notas. Abaixo do título “Excurso II”, escrito em maiúsculas, Benveniste acrescenta: “Tipos de engajamento e modalidades de expressão da fala que comportam um aspecto religioso ou jurídico”. Oito capítulos, tais como os capítulos sobre

o juramento, a libação ou a súplica, vêm na sequência. Assim, é nesta seção sobre “fala” que ele observa, além de noções institucionais como “juramento” ou “voto”, termos como “**deik-*” (raiz indo-europeia) ou “*fas*” (latim), tendo relação respectivamente com “dizer” ou “falar”. Já nos manuscritos desse curso, podemos ler uma relação profunda e fundamental entre o ato de falar e as instituições do direito e da religião: é o “império da fala” (Benveniste, 1969, p. 114), onde as palavras pronunciadas se tornam os próprios atos, que ele descreve no *Vocabulário*. Como foi dito acima, na pergunta anterior, eu realmente tentei, em minha tese, uma aproximação da leitura do vocabulário e a dos *PLG*. Este trabalho permanece, no entanto, parcial e insuficiente na minha visão. Seria preciso ainda voltar ao *Vocabulário*, retrair nele os pensamentos de Benveniste sobre a enunciação.

CL e LM: Você pontua em sua obra *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* que a leitura dos textos de Benveniste pode desconcertar todo aquele que procura uma linguística edificada passo a passo, de maneira sistemática⁶. Sabemos que a flutuação terminológica e conceitual presente na obra do autor confere seu estatuto de pensamento em construção e inacabado. Se, por um lado, essa abertura possibilita a cada pesquisador mostrar um novo horizonte, novas potencialidades da proposta benvenistiana sobre a linguagem, por outro lado, pode “desconcertar” aquele pesquisador que busca nesse linguista o que coube à Linguística responder sobre o funcionamento da linguagem por meio de termos e definições estáveis/reiteráveis. Como lidar com essa tensão entre a necessidade de uma estabilidade terminológica e conceitual da Linguística e a possibilidade de abertura para irrupção do novo que o estudioso das obras de Benveniste se encontra instigado/compelido a investir?

AO: Para escrever uma tese sobre a noção de enunciação de Benveniste, adotei o ponto de vista da história das ideias linguísticas; eu não tinha a intenção de dar uma definição fechada a essa noção, a fim de avançar os estudos linguísticos. O que eu tentei fazer na tese foi mostrar que a noção de enunciação, tendo várias facetas, se forma no cruzamento de diversas problemáticas; tentei também identificar as possibilidades dessa noção, que surgem, muitas vezes, de modo implícito nos pensamentos benvenistianos.

Ora, como está dito acima na pergunta, para um linguista que faz seu trabalho da análise das línguas e da linguagem e que tenta desenvolver seus estudos usando termos de Benveniste, há, certamente, uma forte tensão entre a necessidade de definir claramente os termos de trabalho e a oportunidade de ler os termos de Benveniste na condição de noções em construção. No entanto, essa é uma

⁶ Cf. “ce que peut troubler quiconque recherche une linguistique édifíé pas à pas, de façon systématique” (Ono, 2007, p. 19).

tensão que se deve superar, uma hesitação de onde nascem tentativas de uma nova linguística. Quando se olha para a história das ideias ou para a história das noções, ocorre que um considerável desenvolvimento de um termo é causado por paráfrases, mudanças de significados ou interpretações originais. Aliás, é interessante reconhecer esse lado “hermenêutico” no desenvolvimento das ideias linguísticas, a despeito da exigência da própria linguística, esse saber que, por vezes, deseja se comportar como uma das ciências exatas. Meu interesse é, então, o de saber como e por que tal interpretação se forma: seria o próprio texto de Benveniste que suscita essa leitura? Haveria também um contexto histórico e sociocultural que motiva tal interpretação?

A linguística benvenistiana certamente não está aberta a todas as direções, em todos os momentos. Tomemos o exemplo da noção de enunciação. Em um determinado momento, Benveniste considera essa noção como “predicação”, noção considerável que se desenvolve nos pensamentos de Humboldt, de Bally e de Tesnière; mas esse aspecto lógico-sintático, que dinamiza a frase inteira, desapareceu no decorrer dos anos seguintes no texto benvenistiano. Uma porta foi aberta, religando Benveniste à linha de Humboldt e, em seguida, fechada. Seria interessante, para um linguista, descobrir tal abertura na linguística de Benveniste, apreender e se apropriar dessa potencialidade, para em seguida torná-la sólida como um ponto de apoio de sua própria linguística. Aí que reside um desafio do linguista. Também seria possível abrir as ideias de Benveniste aos domínios extralinguísticos, proporcionando-lhes desenvolvimentos inovadores. Veja bons exemplos, dessa repercussão, na obra de Giorgio Agamben ou na de Carlo Ginzburg.

CL e LM: Em seu artigo “‘Le nom c’est l’être’. Les notes préparatoires d’Émile Benveniste à l’article ‘La blasphémie et l’éuphémie’” (Ono, 2012) [“O nome é o ser”. As notas preparatórias de Émile Benveniste para o artigo ‘A blasfêmia e a eufemia’”], você observa que Benveniste destaca, em seus estudos sobre a blasfêmia, a presença de uma *sintaxe da emotividade* nesse fenômeno que comparece no emprego da língua. Do seu ponto de vista, isso significaria uma necessidade de a Linguística se aproximar de outros campos como Religião, Literatura e Psicanálise, conforme você sugere nas linhas iniciais do referido artigo?

AO: Em 2012, na *Bibliothèque nationale de France* (Biblioteca Nacional da França), tive a oportunidade de ver e de examinar as notas preparatórias que Benveniste deixou para seu artigo “A blasfêmia e a eufemia”. Nessa publicação, Benveniste cita apenas Freud, a Bíblia, e o “Dicionário Geral” (provavelmente o Larousse). No entanto, o que descobri em uma caixa de arquivo, onde são conservados

os papéis relativos a esse artigo, foi um grande número de notas de leituras, tanto curtas quanto longas, que se referem a um amplo domínio das ciências humanas. Essas notas testemunham a amplitude da leitura feita por Benveniste: para a linguística, de A. Greimas até A. Gardiner; para a literatura, das “*sotties*” da Idade Média até A. Artaud; para os estudos das sociedades não europeias, de P. Demiéville até Evans-Pritchard; para a crítica literária, de M. Bakhtin até G. de Bataille etc. A lista é longa e, além disso, muitos livros são, na verdade, difíceis de categorizar. Essas notas de leituras me fizeram compreender, mais do que nunca, que o conhecimento de Benveniste ultrapassava, em muito, o âmbito da própria linguística.

As notas manuscritas de Benveniste também demonstram o horizonte que sua linguística procurava alcançar: uma antropologia, no sentido filosófico. Aqui, a linguagem e o homem estão em uma relação de se definir um pelo outro. De fato, em uma das notas preparatórias do artigo sobre a blasfêmia, Benveniste coloca seus pensamentos em epígrafe:

Em certa linguística, sobretudo aquela que se proclama “moderna”, só a língua é o objeto da linguística, e, então, os dados indicados pelo título deste artigo permanecem estranhos a ela. Mas para o linguista que não ~~separa~~ <suprime>, do universo ~~um~~ linguístico, <o uso feito da língua> o fenômeno da linguagem, <a maneira como> o homem <é> animado e manifesto através de sua linguagem, ~~representa~~ traz inúmeros temas para reflexão e, especialmente, nas condições excepcionais que a paixão desperta⁷.

Para conhecer a linguagem e as línguas é preciso também conhecer o homem falante; a linguística benvenistiana exige avidéz intelectual e erudição sobre o conjunto das ciências humanas.

O que Benveniste fala sobre a linguística “moderna” (com um pouco de sarcasmo!) nesta nota se aplica ainda mais à linguística de nossos dias, ou, melhor dizendo, às “ciências da linguagem” de hoje. Essas ciências parecem querer se afastar dos velhos saberes que frequentava anteriormente, tais como os estudos religiosos ou a literatura. Os linguistas atuais não têm mais necessidade de um conhecimento aprofundado de várias línguas, nem de uma erudição sobre os estudos humanistas, mas, sim, de uma inteligência, capaz de calcular e de esquematizar dados, e de um raciocínio quase matemático. Raros são aqueles que enfrentam o conjunto dos problemas da linguagem, e isso, com uma curiosidade viva e uma compreensão extraordinária, assim como fazia Benveniste, ou Jakobson. Em outras palavras, há agora poucos linguistas que têm seus próprios pensamentos...

Quanto a mim, na condição de historiadora das ideias linguísticas, eu me interesso pelos linguistas cujo

⁷ Ver “Os níveis da análise linguística” em Benveniste (1966), mas também Ono (2007, p. 63-66).

⁸ Papéis Orientalistas, Caixa 52, Envelope 213, fólio 258.

texto dá prazer de ler; e também prazer em descobrir múltiplas relações que ligam a linguagem e o homem. Nisso, ler Benveniste é tomar caminhos de travessia que permitem ver outras áreas das ciências humanas e conhecer escritores da literatura mundial, antigos e modernos. Assim, eu não saberia dizer se haveria uma “necessidade” para a linguística de se aproximar das outras áreas das ciências humanas, mas minha escolha é clara: eu fico ao lado do linguista que se interessa pela “maneira como o homem é animado e manifesto através de sua linguagem”.

Referências

- BENVENISTE, É. 2012. *Dernières leçons : Collège de France 1968 et 1969*. CIDADE, EHESS/Gallimard/Seuil, 216 p.
- BENVENISTE, É. 1969. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes II: pouvoir, droit, religion*, Paris: Les Editions de Minuit, 344 p.
- BENVENISTE, É. 1966. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris, Gallimard, 356 p.
- BENVENISTE, É. 1974. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris, Gallimard, 286 p.
- FENOGLIO, I. 2011. Déplier l'écriture pensante pour re-lire l'article publié. Les manuscrits de 'L'appareil formel de l'énonciation' d'Émile Benveniste. In: E. BRUNET; R. MAHRER, *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale*. Paris, L'Harmattan, p. 263-304.
- NORMAND, C. 1997. Lectures de Benveniste : quelques variantes sur un itinéraire balisé. *LINX*, 9:25-37. <http://dx.doi.org/10.4000/linx.964>
- ONO, A. 2007. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges, Lambert-Lucas, 236 p.
- ONO, A. 2012. “Le non c'est l'être”. Les notes préparatoires d'Émile Benveniste à l'article. “La blasphémie et l'euphémie”. In: I. FENOGLIO, *Genesis 35/12. Le geste linguistique*. Paris, L'université Paris-Sorbonne, p. 77-86.

Aya Ono

Universidade de Keio
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Marunouchi, Chiyoda-ku, Tóquio, 100-0005 3-5-1
Japão

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500
91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil

Luiza Milano

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras
Av. Bento Gonçalves, 9500
91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil